

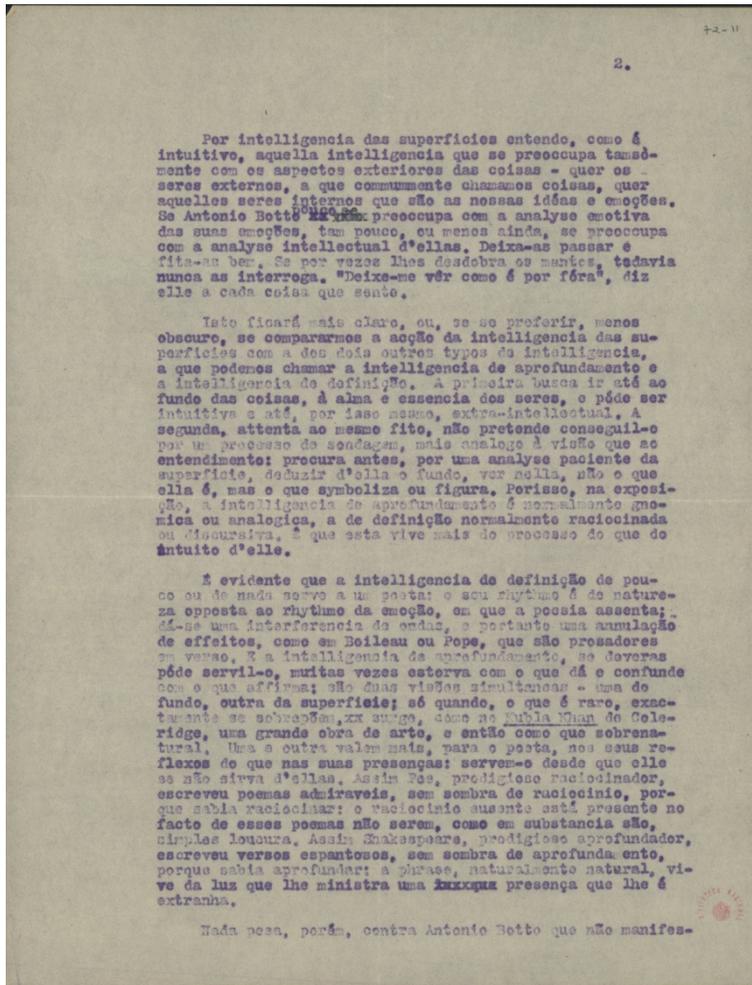
O livro *Ciume*, de Antonio Botto, representa uma nova phase da sua phase de sempre. Certos elementos, dos que compõem a essencia dos seus poemas, emergem neste livro mais declarada ou distinctivamente do que em seus livros anteriores. É a esta a differença, que poderá ser tida por pequena ou por grande consoante a sensibilidade de cada um e a reacção d'essa sensibilidade perante uns e outros poemas - os da phase anterior e os da presente.

De um modo geral, ainda que concreto, póde dizer-se que a obra poetica de Antonio Botto gira e se anima em torno de quatro idéas, ou estados mentaes - a emoção sem paixão, a intelligencia das superficies, o sentimento contradictorio, e a ironia emotiva. Estes quatro elementos não são, porém, diversos, desconnexos ou simplesmente juxtapostos: derivam de um mesmo fundo temperamental, que por todos elles igual e concordantemente se manifesta.

Por emoção sem paixão entende, como sem difficuldade entenderá qualquer, que os estados emotivos do poeta não comportam, nem envolvem, nenhum aprofundamento ou intensificação. Antonio Botto não analisa emotivamente as suas emoções, nem de tal modo nellas se concentra que automa ticamente se animem, aqueçam, se convertam em paixões.

Com analyse emotiva das emoções - em opposição implicita à analyse intellectual d'ellas - quero significar aquelle estado em que o poeta, ou o homem, se concentra sonhadoramente no que sente, e assim o multiplica, o desdobra, o sente diversa e divididamente. Tal estado merece o nome de paixão, não porque envolva intensidade, mas porque implica absorpção. Em Antonio Botto não se dá tal estado. As suas emoções são simples e directas, embora os seus sentimentos - isto é, os prolongamentos temperentaes d'essas emoções - sejam porventura complicados. Isto, porém, é já outro assumpto, de que mais adeante se tratará.

Se não existe em Antonio Botto essa analyse emotiva das emoções, tampouco existe, ainda menos existe, a paixão propriamente dita - aquella exaltação da emoção por meio da qual esta exclue todo outro elemento, e, concentrando-se num ponto ou fito, imprime ao espirito ~~uma~~ uma unidade emotiva.

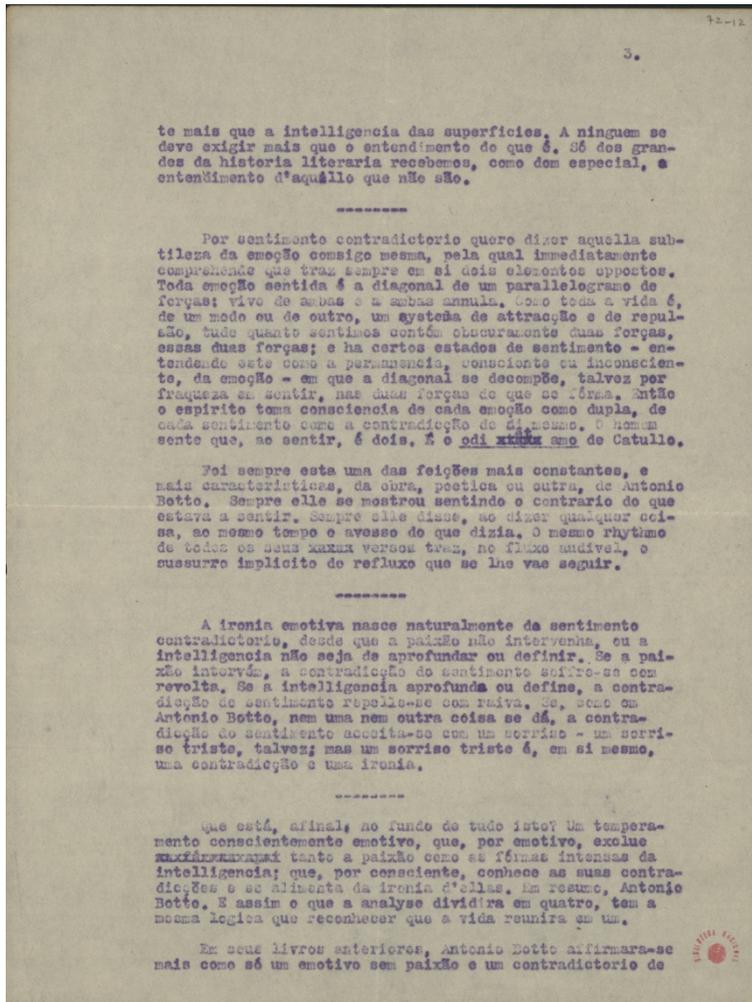


Por intelligencia das superficies entendo, como é intuitivo, aquella intelligencia que se preocupa tãmsòmente com os aspectos exteriores das coisas - quer os seres externos, que commumente chamamos coisas, quer aquelles seres internos que sãõ as nossas idéas e emoções. Se Antonio Botto ~~se não~~ pouco se preocupa com a analyse emotiva das suas emoções, tam pouco, ou menos ainda, se preocupa com a analyse intellectual d'ellas. Deixa-as passar e fita-as bem. Se por vezes lhes desdobra os mantos, todavia nunca as interroga. "Deixa-me vêr como é por fóra", diz elle a cada coisa que sente.

Isto ficará mais claro, ou, se se preferir, menos obscuro, se compararmos a acção da intelligencia das superficies com a dos dois outros typos de intelligencia, a que podemos chamar a intelligencia de aprofundamento e a intelligencia de definição. A primeira busca ir até ao fundo das coisas, à alma e essencia dos seres, e pôde ser intuitiva e até, por isso mesmo, extra-intellectual. A segunda, attenta ao mesmo fito, não pretende conseguil-o por um processo de sondagem, mais analogo à visãõ que ao entendimento: procura antes, por uma analyse paciente da superficie, deduzir d'ella o fundo, ver nella, não o que ella é, mas o que symboliza ou figura. Porisso, na exposiçãõ, a intelligencia de aprofundamento é normalmente gnomica ou analogica, a de definição normalmente racionada ou discursiva. É que esta vive mais do processo do que do intuito d'elle.

É evidente que a intelligencia de definição de pouco ou de nada serve a um poeta: o seu rhythmõ é de natureza opposta ao rhythmõ da emoção, em que a poesia assenta; dá-se uma interferencia de ondas, e portanto uma annullaçãõ de effeitos, como em Boileau ou Pope, que sãõ prosadores em verso. E a intelligencia de aprofundamento, se deveras pôde servir-o, muitas vezes estorva com o que dá e confunde com o que afirma: sãõ duas visões simultaneas - uma do fundo, outra da superficie; só quando, o que é raro, exactamente se sobrepõem, e surge, como no *Kubla Khan* de Coleridge, uma grande obra de arte, e então como que sobrenatural. Uma e outra valem mais, para o poeta, nos seus reflexos do que nas suas presenças: servem-o desde que elle se não sirva d'ellas. Assim Poe, prodigioso racionador, escreveu poemas admiraveis, sem sombra de racionio, porque sabia racioniar: o racionio ausente está presente no facto de esses poemas não serem, como em substancia sãõ, simples loucura. Assim Shakespeare, prodigioso aprofundador, escreveu versos espantosos, sem sombra de aprofundamentos, porque sabia aprofundar: a phrase, naturalmente natural, vive da luz que lhe ministra uma ~~luz~~ presença que lhe é extranha.

Nada pesa, porém, contra Antonio Botto que não manifes-



te mais que a intelligencia das superficies. A ninguem se deve exigir mais que o entendimento do que é. Só dos grandes da historia litteraria recebemos, como dom especial, o entendimento d'aquillo que não são.

-----

Por sentimento contradictorio quero dizer aquella subtileza da emoção comsigo mesma, pela qual imediatamente comprehende que traz sempre em si dois elementos oppostos. Toda emoção sentida é a diagonal de um parallelogramo de forças: vive de ambas e a ambas annula. Como toda a vida é, de um modo ou de outro, um systema de attracção e de repulsão, tudo quanto sentimos contém obscuramente duas forças, essas duas forças; e ha certos estados de sentimento - entendendo este como a permanencia, consciente ou inconsciente, da emoção - em que a diagonal se decompõe, talvez por fraqueza em sentir, nas duas forças de que se fórma. Então o espirito toma consciencia de cada emoção como dupla, de cada sentimento como a contradicção de si mesmo. O homem sente que, ao sentir, é dois. É o *odi et amo* de Catullo.

Foi sempre esta uma das feições mais constantes, e mais caracteristicas, da obra, poetica ou outra, de Antonio Botto. Sempre elle se mostrou sentindo o contrario do que estava a sentir. Sempre elle disse, ao dizer qualquer coisa, ao mesmo tempo o avesso do que dizia. O mesmo rhythmmo de todos os seus ~~versos~~ versos traz, no fluxo audivel, o sussurro implicito do refluxo que se lhe vae seguir.

-----

A ironia emotiva nasce naturalmente do sentimento contradictorio, desde que a paixão não intervenha, ou a intelligencia não seja de aprofundar ou definir. Se a paixão intervém, a contradicção do sentimento soffre-se com revolta. Se a intelligencia aprofunda ou define, a contradicção do sentimento repelle-se com raiva. Se, como em Antonio Botto, nem uma nem outra coisa se dá, a contradicção do sentimento aceita-se com um sorriso - um sorriso triste, talvez; mas um sorriso triste é, em si mesmo, uma contradicção e uma ironia.

-----

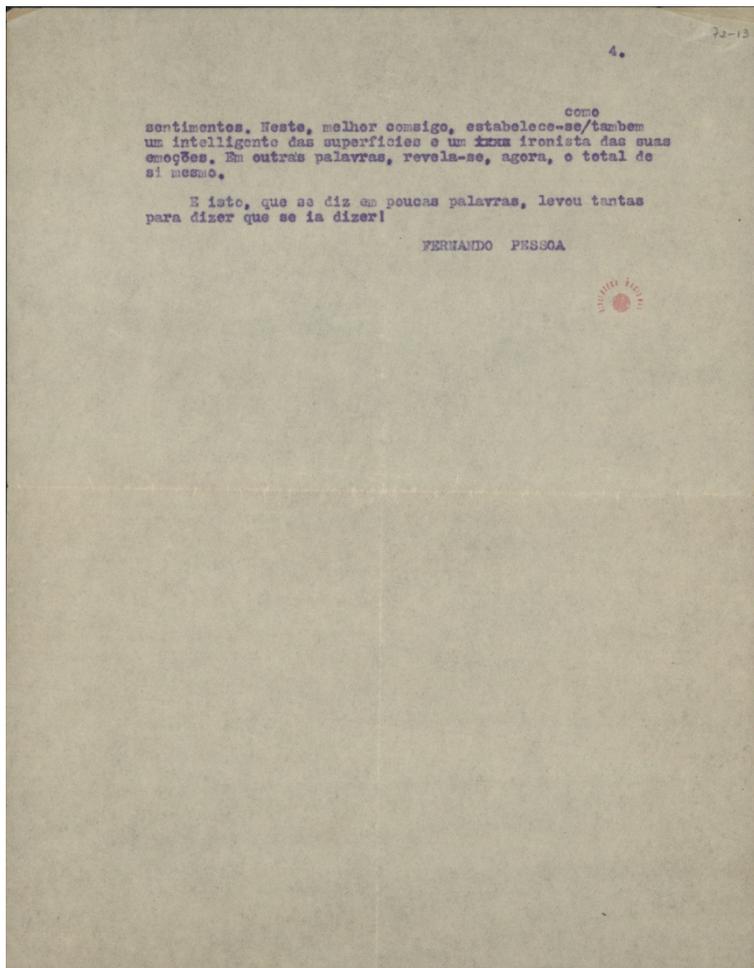
Que está, afinal, no fundo de tudo isto? Um temperamento conscientemente emotivo, que, por emotivo, exclue ~~na forma~~ *na forma* ~~apoi~~ tanto a paixão como as fórmulas intensas da intelligencia; que, por consciente, conhece as suas contradicções e se alimenta da ironia d'ellas. Em resumo, Antonio Botto. E assim o que a analyse dividira em quatro, tem a mesma logica que reconhecer que a vida reunira em um.

Em seus livros anteriores, Antonio Botto affirmara-se mais como só um emotivo sem paixão e um contradictorio de

# MODERNISMO

Arquivo Virtual da Geração de Orpheu

BNP/E3, 72 - 13<sup>r</sup>



Transcrição

sentimentos. Neste, melhor comsigo, estabelece-se como também um inteligente das superficies e um ~~ironista~~ ironista das suas emoções. Em outras palavras, revela-se, agora, o total de si mesmo.

E isto, que se diz em poucas palavras, levou tantas para dizer que se ia dizer!

FERNANDO PESSOA

---

## DIREITOS ASSOCIADOS

---

O trabalho MODERNISMO - Arquivo Virtual da Geração de Orpheu de <https://modernismo.pt/> está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).